

EPISTEMOLOGIA SOCIAL, SEMÂNTICA GERAL E BIBLIOTECONOMIA*

Jesse Shera

Dean Emeritus
School of Library Science
Case Western Reserve University, U.S.A.

Às tradicionais necessidades do homem, de ar, água, alimentação e abrigo, o Prof. Platt da Universidade de Chicago, acrescentou um quinto fator essencial à sobrevivência física — a necessidade de novidade. Cada prisioneiro que sofreu confinamento solitário sabe o significado da frase "ficar fora de si". Experiências recentes sobre privações sensoriais tem demonstrado que os seres humanos colocados num ambiente do qual se retira a máxima quantidade de variação sensorial, logo se aproximam da beira da demência. O ser humano não está, pois, constituído de forma a poder existir por muito tempo no vácuo sensorial.

"A quinta necessidade do homem", escreve o Prof. Platt, "é a necessidade de... 'informação', de um fluxo de estímulos contínuo, novo, imprevisível, não redundante, e surpreendente". O cérebro existe a fim de organizar e tecer padrões a partir das informações a ele apresentadas e se torna seriamente afetado se esta oportunidade essencial lhe é negada. Esta atividade de organizar a informação não só caracteriza a mente sã mas também é necessária para manter a sanidade. O "Cogito, ergo sum" de Descartes pode ter mais significado do que nós poderíamos supor até então.

* Tradução de Maria Esther de Araújo Coutinho, CNPq
Revisão de Helena Medeiros Pereira Braga e Heloisa Tardin Christovão, IBICT

**John Rader Platt. The Fifth Need of Man. *Horizon*.
1 (6): 106, July 1959

RESUMO

A história registrada do pensamento sugere que o conhecimento humano aumenta em volume e complexidade, tendendo à interdependência e à fragmentação. Faz-se necessária uma força coesiva que pode ser identificada como uma nova disciplina — a epistemologia social — que tenha como objeto de estudo os meios pelos quais o conhecimento é coordenado e integrado dentro de uma organização social complexa. Existe uma afinidade muito grande entre esta disciplina e a biblioteconomia, já que a última é baseada em fundamentos epistemológicos e tem por objetivo aumentar a utilidade social dos registros gráficos, sendo fundamentalmente, a gerência do conhecimento. A biblioteconomia é a disciplina mais interdisciplinar de todas, e sua tarefa de ordenar, relacionar e estruturar o conhecimento e os conceitos, a torna estreitamente interrelacionada com a semântica geral, também altamente interdisciplinar, epistemológica e envolvida na linguagem, simbolismo, abstração, conceitualização e avaliação do conhecimento. (H.T.C.)

Cachorrinhos que foram mantidos isolados de estímulos externos provaram ser sensivelmente mais estúpidos do que cachorros criados em "condições normais". A capacidade total do cérebro humano de manejar as informações é, lógico, agudamente distinta da do animal mais avançado (na escala biológica) e, ainda que variando de pessoa para pessoa, permanece aproximadamente constante para cada indivíduo — como a capacidade de uma pipa d'água através da qual só possa passar uma certa quantidade de água. Mas para o cérebro humano, ao contrário da pipa, existe um mínimo irreduzível abaixo do qual o input da informação não pode cair sem que haja prejuízo. A atenção pode divagar — e frequentemente divaga, como todo professor sabe — mas não pode atrever-se a cessar.

Os estímulos externos são necessários para uma adequada operação do sistema nervoso humano. Sem eles o cérebro não pode raciocinar, pois ele gera novas informações através de indicações e analogias, e resolve problemas fragmentando-os em partes manejáveis com conotações familiares. Além do mais, o cérebro não somente pesquisa e processa as informações a ele telegrafadas pelos sentidos, mas também conclui. Esta é a habilidade de preencher as lacunas informacionais de forma a ser efetuada uma conclusão ou formulado um conceito, como Northrop demonstrou, a despeito do fato de que um fragmento da evidência sensorial possa ser esquecido. Assim, as informações podem ser inferidas, de uma certa maneira independentemente da percepção sensorial.

A linguagem do cérebro é metafórica, o que é a essência da analogia: e em verdade, o que faz do homem um ser singular, é sua capacidade altamente desenvolvida de conceituar a experiência e comunicar as conceituações através de representação simbólica. Uma necessidade constante do cérebro por algo de que ele possa se alimentar, pode ser vista como um impulso humano básico, e o *poder* de comunicar se torna não uma feliz e fortuita invenção, mas uma necessidade essencial e inevitável à sobrevivência humana. "No começo era o verbo" ("In the beginning was the word") - na verdade sem o "verbo" dificilmente teríamos um princípio.

Assim como a necessidade de informação orienta o indivíduo, assim também orienta sociedades. É a base do comportamento coletivo, tanto quanto do comportamento individual. Assim como o cérebro se deteriora quando privado de informação, assim também a sociedade, se se quer evitar-lhe a decadência, deve fazer constante provisão para a aquisição e assimilação de novas informações. Mas para ser transmitido dentro de um grupo e absorvido por qualquer grupo, o que é conhecido por cada um dos membros deve ser comunicado e comunicável. Desse modo, conhecimento e linguagem são inseparáveis, pois a linguagem é a estruturação simbólica do conhecimento em forma comunicável e porque é o instrumento através do qual o conhecimento é comunicado. A própria linguagem pode determinar tanto o comportamento e a conduta individuais, como grupais. Sem a linguagem, a ação grupai — se realmente existe — se torna, na melhor das hipóteses, não mais do que o produto de circunstâncias fortuitas — a simples aglomeração de organismos individuais, como as quatro cobras de Emerson em Fresh Pond, deslizando para fora e para dentro de um buraco, "sem nenhum propósito que eu possa ver — sem ser para comer, sem ser para amar, mas apenas para deslizar"*

Pelo fato de não haver verdadeiras linguagens primitivas disponíveis para estudo, as origens da comunicação oral estão perdidas nas densas névoas do passado pré-histórico. A fala começou quando as primeiras articulações vocais se tornaram dissociadas dos seus valores expressivos originais e foram estereotipadas em modelos simbólicos convencionais, e a lingüística dos dias atuais não pode explicar como se deu esta revolução. Como foi indicado acima o cérebro tem o poder de generalizar a partir dos detalhes de situações específicas; esta habilidade de interpretar certos elementos selecionados numa situação, como indicadores de uma generalização, pode ter impellido o homem primevo de um sentimento obscuro para o simbolismo oral, que eventualmente se tornou sua linguagem.

* Emerson's *Journals*. April 11, 1834.

Mas a fala sozinha não poderia satisfazer a necessidade de informação do homem, pois a comunicação oral foi severamente limitada pelas fronteiras temporais da memória humana e dos perímetros espaciais do contato humano. Assim, mesmo que o homem pudesse se comunicar - no caso, de indivíduo para indivíduo — através consideráveis distâncias e de geração a geração, uma simples quebra na cadeia, e a idéia estaria perdida — talvez para sempre. Artíficos mnemônicos, tais como a rima, foram concebidos para auxiliar na preservação desta cadeia, mas quando muito, eles foram insuficientemente eficazes.

O segundo grande passo no processo de comunicação veio quando o homem descobriu que era possível, por meio de alguma forma de registro gráfico, transcender espaço e tempo tornando-o independente da memória humana e do contato físico. Ele descobriu que poderia estender sua experiência registrando seus pensamentos sobre alguma substância ou matéria mais durável, e de uma forma mais exata do que na memória humana. Com o desenvolvimento da transcrição fonética, tornou-se possível representar sons, assim como conceitos, de forma que o homem pudesse não somente compreender o que havia sido dito por alguém que ele nunca viu, mas que também pudesse reproduzir os sons que este homem nunca visto, emitiu quando o disse. A importância destas duas formas básicas do processo de comunicação — o direto ou primário (oral) e o indireto ou secundário (gráfico) — para o desenvolvimento da cultura humana será dificilmente exagerável; na verdade é completamente impossível para alguém conceber uma sociedade sem elas, pois o conceito de cultura do antropólogo moderno pressupõe a existência desses processos de comunicação. Cultura, então, é a dualidade de ação e pensamento, unidos pelos processos de comunicação. Ação, numa cultura, corresponde aos processos biológicos do corpo humano e deriva do fato de que homens — não o homem — habitam a terra. • Pensamento, ou erudição, é para ser compreendido como a totalidade do verificado, ou ao menos, geralmente aceito, corpo de conhecimento e crenças que estão inerentes na cultura.

O mundo do pensamento e o mundo da ação, embora um ou outro possa ser dominante em dada sociedade, são sempre interdependentes. Mas como um modelo cultural toma-se cada vez mais complexo, esta interdependência se intensifica, tornando-se de importância cada vez maior à sobrevivência. A história registrada do pensamento, sugere que o conhecimento humano aumenta em volume e em complexidade, tornando-se cada vez mais interdependente e tendendo à fragmentação, centrifugação e, ao que hoje nós fluentemente chamamos de especialização. Desde que saber e ação são correlativas, a atomização de um, engendra conflito no outro, e o colapso final de uma sociedade somente pode ser evitado através do exercício de alguma poderosa força coesiva. Esta força pode ser exercida pelo sistema de comunicação. Assim emerge a

necessidade de uma nova disciplina — talvez uma ciência — da comunicação. Isto não é para ser compreendido como apelo para a reordenação do velho campo de comunicação de massa, ou mesmo para um maior volume dos assim chamados estudos de comunicação, com os quais as artes da linguagem foram recentemente identificadas. Nós aqui estamos nos referindo a uma disciplina epistemológica, um corpo de conhecimento sobre o próprio conhecimento. A forma pela qual o conhecimento se desenvolveu e tem sido aumentado, tem sido há muito objeto de estudo, mas os meios pelos quais o conhecimento é coordenado, integrado e posto a trabalhar são, até aqui, um quase irreconhecido campo de investigação. Nós temos nosso sistema de lógica e nossas formulações do método científico. Nós sabemos, com alguma exatidão, como o conhecimento dessa espécie é acumulado e transmitido de geração a geração. Muitos filósofos especularam sobre a natureza do conhecimento, suas fontes, seus métodos e limites de validade. Mas o estudo da epistemologia tem sido sempre visto contra um fundo de processos intelectuais do indivíduo. Os psicólogos transportaram as especulações dos filósofos para o laboratório e têm feito algum progresso na compreensão do comportamento mental — mas, ainda aqui, do indivíduo.

Mas nem os epistemologistas, nem os psicólogos desenvolveram e ordenaram um corpo compreensivo do conhecimento sobre diferenciação intelectual e a integração do conhecimento dentro de uma organização social complexa. Os sociólogos, embora tenham dirigido suas atenções para o comportamento dos homens em grupos, não prestaram a devida atenção nas forças intelectuais que modulam as estruturas sociais e as instituições.

A nova disciplina que aqui focalizamos (e a qual por falta de melhor nome nós chamamos de epistemologia social) deveria fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo o complexo problema dos processos intelectuais das sociedades — um estudo pelo qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva para seu ambiente total. Levantaria o estudo da vida intelectual a partir do escrutínio do indivíduo para uma pesquisa sobre os meios pelos quais uma sociedade, nação, ou cultura alcança compreensão da totalidade dos estímulos que atuam sobre ela. O foco desta nova disciplina seria sobre a produção, fluxo, integração, e consumo de todas as formas de pensamento comunicado através de todo o modelo social. De tal disciplina poderia emergir um novo corpo de conhecimento e uma nova síntese da interação entre conhecimento e atividade social.

Mas, embora a epistemologia social venha a ter seu próprio "corpus" de conhecimento teórico, será, também, uma disciplina muito prática. Até muito recentemente, tem sido empregadas máquinas exclusivamente como extensão dos poderes físicos do homem, e uma tecnologia altamente desenvolvida forneceu amplo fundamento para sua

absorção na cultura. Hoje, no entanto, somos confrontados pelo rápido avanço das máquinas que aumentam o poder mental do homem, e para estes a sociedade está ainda psicológica e socialmente despreparada. Nós nos arrepiamos de terror ante um mundo em que conviveremos corri robots, como os índios devem ter se arrepiado diante da primeira locomotiva que passou através das planícies do Oeste. Somos compelidos, no entanto, a domar a tecnologia destas máquinas, subjugar suas capacidades às nossas necessidades, e quase literalmente aprendermos a viver com elas. Desta forma podemos olhar a epistemologia social como uma espécie de "aculturação da máquina".

Agora, existe uma afinidade muito importante entre biblioteconomia e epistemologia social, pois a biblioteconomia é baseada em fundamentos epistemológicos. Apesar da imagem popular do bibliotecário, ele não é, ou pelo menos não deveria ser, um criado cujo único propósito é apanhar e carregar aparas bibliográficas.

O objetivo da biblioteconomia seja qual for o nível intelectual em que deve operar é aumentar a utilidade social dos registros gráficos, seja para atender à criança analfabeta absorta em seu primeiro livro de gravuras, ou um erudito absorvido em alguma indagação esotérica. Portanto, se a biblioteconomia deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais do que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular. Certamente é isso também, mas fundamentalmente biblioteconomia é a gerência do conhecimento. Por isso, estes novos mecanismos projetadas para manipular conhecimentos a fim de que o homem possa alcançar melhor compreensão do universo no qual se encontra, são de especial interesse para o bibliotecário. Pois o bibliotecário fará mal sua tarefa se não compreender todo o papel do conhecimento na sociedade que ele serve e a parte que as máquinas podem realizar no processo da "ligação do tempo". O bibliotecário é o supremo "ligador do tempo", e a sua disciplina é a mais interdisciplinar de todas, pois é a ordenação, relação e estruturação do conhecimento e dos conceitos.

O sistema nervoso humano deve permanecer o supremo modelo para todos os controles, e a própria fonte de tal controle, tanto na entrada, quanto na avaliação da saída. Uma sociedade se permitirá tornar subserviente às máquinas somente se primeiro permitir a si mesma dar mais valor à tecnologia do que ao pensamento criativo. O armazenamento e recuperação da informação, ou fatos, por mais bem feitos e por mais precisos que sejam os mecanismos para que sejam levados a efeito, não tem nenhum valor, se não são utilizados para o bem da humanidade, e é dessa utilização que o homem não ousa abdicar.

Assim, biblioteconomia e semântica geral deveriam

ser aliados naturais, estreitamente inter-relacionados e convergindo em muitos pontos. Ambos são interdisciplinares no mais alto grau, ambos são vitalmente concernentes com a utilização da informação pelo sistema nervoso humano, ambos são elos importantes na cadeia da comunicação, ambos são profundamente envolvidos na linguagem, simbolismo, abstração, conceituação e avaliação. Ambos são fundamentalmente epistemológicos.

A biblioteconomia deveria contribuir para a semântica geral com novos "insights" de estrutura, organização e avaliação do conhecimento humano. Poderá trazer método e possibilidade de realização para a divulgação do conhecimento registrado que ameaça tornar-se sufocante. A semântica geral deveria poder contribuir para a biblioteconomia com os resultados da epistemologia social — os próprios fundamentos do conhecimento teórico do bibliotecário, sem os quais a biblioteconomia deixa de ser uma profissão para tornar-se um pouco mais que uma simples atividade comercial.

ABSTRACT

The recorded history of the world of thought suggest that as man's knowledge increases in volume and complexity, it becomes increasingly interdependent and tends toward fragmentation. There is a need for a cohesive force. That force can be exerted by a new discipline — social epistemology — a body of knowledge about knowledge itself, and which has as its object of study the ways in which knowledge is coordinated, integrated within a complex social organization. A very important affinity exists between librarianship and social epistemology, for librarianship is based on epistemological foundations. The aim of librarianship is to maximize the social utility of graphic records being fundamentally the management of knowledge. It is the most inter-disciplinary of all disciplines and its task is the ordering, relating and structuring of knowledge and concepts. It is closely interrelated with general semantics. Both are fundamentally epistemological, deeply involved in language, symbolism, abstraction, conceptualization and evaluation of human knowledge. (M.P.)

Tradução e publicação autorizadas do artigo
Social epistemology, general semantics and
librarianship, *Wilson Library Bulletin*, 35(10)
June 1961. © The H.W. Wilson Company

Veja também artigo do mesmo autor, publicado em
Ciência da Informação, 2(2):87-97, 1973